

Notas

EM MEMÓRIA DE ISAAC AKCELROD

Juarez Guimarães

Isaac Akcelrud, falecido em setembro de 1994, foi emblematicamente uma personalidade à contracorrente dos tempos: seus oitenta anos foram vividos em torno do marxismo - suas tradições, suas teorias, seus símbolos - em um país onde a história do socialismo foi marcada pela descontinuidade e pela dispersão.

Isaac filiou-se ao PCB em 1936 na juventude comunista gaúcha. Sua militância durante os vinte anos seguintes concentrou-se na imprensa popular do PCB, tendo sido editor de vários de seus jornais, inclusive diários no Rio de Janeiro e em São Paulo. Foi um dos líderes da dissidência do PCB após a divulgação do Relatório Kruschew em 1956. Falhada a tentativa de construir uma alternativa à esquerda do PCB, Isaac passaria as próximas décadas envolvido em um esforço de desestalinização do seu marxismo, de reencontro com as fontes originais da tradição leninista e com o marxismo de Trotski, de renovação de perspectivas. Reencontrou um fio de continuidade de uma militância revolucionária no interior do PT e no coletivo da tendência Democracia Socialista. Engajou-se como jornalista e organizador no movimento dos Sem-Terra.

A morte surpreendeu-o ativo, cri-

tico, lutando pelo futuro. Isaac jamais foi um cético e encontrá-lo era sempre uma fonte de animação e de renovada comunhão com o mundo.

O marxismo para ele era mais do que a possibilidade de um conhecimento crítico da realidade que lhe foi dada viver. Era um modo de ser: entranhado em sua vida, mesclado à sua origem judaica, enraizado na história do amor pela companheira que centralizou a sua vida sentimental por mais de cinquenta anos. Dos ferroviários de Santa Maria no Rio Grande do Sul aos operários metalúrgicos de Volta Redonda, dos negros aos sem-terra, dos judeus perseguidos aos palestinos, o marxismo de Isaac era isso: o oprimido na trama e na promessa de sua emancipação.

Isaac nos legou alguns milhares de artigos escritos ao longo de dezenas de anos dedicados ao jornalismo de esquerda, além de um livro sobre o Oriente Médio e outro sobre a reforma agrária no Brasil. Uma parte da história dos oprimidos deste país ficou fixada no estilo indignado e exato de Isaac. É um dever dos que conviveram com ele, que o respeitaram e o amaram, recolher e editar os momentos mais expressivos da herança de seus escritos.

EM MEMÓRIA DE SÍLVIO FRANK ALEM

Edmundo Fernandes Dias

Em 6 de dezembro de 1993, faleceu Sílvio Frank Alem, duas vezes secretário-geral da ANDES-SN. Militante comunista, atuou contra a di-

tadura e lutou pela democratização do país. Foi um dos criadores da Associação dos Docentes da Universidade Federal da Paraíba- João

Pessoa, da qual foi o primeiro presidente. Contribuiu de forma fundamental para a criação da ANDES e sua posterior transformação em Sindicato Nacional. Escreveu "*Os trabalhadores e a 'redemocratização'-Estudo sobre o Estado, os partidos e a participação dos trabalhadores urbanos na conjuntura da guerra e do pós-guerra imediato (1942-1948)*", dissertação de mestrado em História (Unicamp, 1981) e "*Contribuição à história da esquerda brasileira (Partido Socialista Brasileiro, 1945-1964)*", tese de doutorado na USP, 1988. Além de uma quantidade enorme de artigos.

Sílvio viveu passo a passo as lutas do sindicalismo brasileiro, em especial a dos docentes universitários, e esteve sempre presente em toda a história da ANDES. Pensou a ANDES-SN como entidade de todos os docentes, engajada na reflexão sobre a educação e a universidade brasileiras, inserida nas lutas sociais no Brasil, no continente e no mundo.

Encarregado das Relações Internacionais da ANDES-SN, Sílvio sintetizava a percepção globalizante do

mundo, histórica e dialética, em que a realização dos trabalhadores se dá por meio da sua luta persistente e da sua organização no campo democrático-popular, na construção de uma sociedade de todos e para todos. Construtor das nossas relações internacionais com entidades como a CEA, a CMOPE, a FISE e outras dos diversos países. Internacionalista militante, Sílvio sempre nos lembrava a questão da solidariedade classista e de que os trabalhadores não podem ter fronteiras. Diante dos reiterados ataques à perspectiva classista na ação dos trabalhadores e da afirmação de que a história terminara, que a luta não caminharia mais, ele sempre lembrava a todos o mote de Galileu: *Eppur se muove!*. Trabalhou ativamente no *Informandes*, nos *Cadernos ANDES* e na revista *Universidade e Sociedade*.

Historiador engajado nas lutas do nosso tempo, Sílvio tinha muita facilidade de expor e concatenar idéias que expressava em teses políticas lúcidas e enriquecedoras para a reflexão política do movimento social organizado.

EM DEFESA DA VIDA DE ABIMAEEL GUZMÁN

O Comitê Editorial de *Crítica Marxista*, considerando o grave risco de vida que pesa sobre o dirigente político Abimael Guzmán, prisioneiro político da sanguinária e belicista ditadura peru-

ana, vem juntar-se à campanha internacional em defesa de sua integridade física. São Paulo, março de 1995.

DIAS, Edmundo Fernandes. (Nota em memória a Sílvio Frank Alem). *Crítica Marxista*, São Paulo, Brasiliense, v.1, n.2, 1995, p. 175-176.

Palavras-chave: Homenagem; Sílvio Frank Alem.